

Sobre quimeras e monstros fantásticos: lições de Montaigne sobre a epidemia, o isolamento e o contágio

On chimeras and fantastic monsters: Montaigne's lessons on epidemic, isolation and infection

Diego Azizi*

Resumo: O presente artigo busca, a partir da filosofia de Michel de Montaigne, explicitar quais lições podemos aprender sobre o contexto de epidemia em que vivemos. Mas, afinal, aqui fica a pergunta fundamental deste texto: o que podemos aprender com um filósofo francês do século XVI, Michel de Montaigne, sobre esse momento tão devastador que estamos vivendo? É claro que Montaigne não nos dirá nada sobre a natureza do vírus, nem sobre nosso sistema imunológico, muito menos sobre metodologias de investigação científica para a procura de medicamentos para o tratamento da doença. O que Montaigne nos pode ensinar é algo de outra ordem, não da biológica, mas, da subjetiva. É uma (nova) disposição de nosso espírito que podemos aprender a desenvolver com o filósofo.

Palavras-chave: Subjetividade; Ensaio; Epidemia; Isolamento; Contágio

Abstract: This article intends to, following Michel de Montaigne's philosophy, demonstrate which lessons we can learn about the epidemic context we are living in. Therefore, one can formulate this text's fundamental question as follows: what could we possibly learn from a 16th-century French philosopher about such a devastating moment we are living in? Montaigne clearly will tell us nothing about the nature of the virus, nor our immune system, let alone the methodologies of scientific inquiry regarding the search for medicaments to the treatment of this disease. What Montaigne can teach us lies beyond; it is not biological, but subjective. It is a (new) disposition of our spirit that we can learn to develop with the philosopher.

Keywords: Subjectivity; Essays; Epidemic; Isolation; Infection

O mundo está vivendo a maior pandemia dos últimos 100 anos¹, a saber, a contaminação mundial por conta do vírus covid-19, e a humanidade, de repente, se viu constrangida e obrigada a se fechar dentro de suas casas, em quarentena. Cada um de nós passou a viver recluso em sua própria companhia e na de seus próximos imediatos. As pessoas passaram a ter que lidar com experiências que nunca haviam experimentado antes e, com isso, uma nova forma de lidar com nós mesmos e com o mundo que nos rodeia começou a se impor sobre todas e todos nós. Talvez, pela primeira vez, passamos a ter que nos confrontar com nós mesmos, afinal, estamos isolados (ou pelo menos deveríamos estar) dos outros, mas condenados à convivência absoluta com nossos próprios “eus”. Mas, afinal, aqui fica a pergunta fundamental desse artigo: o que podemos aprender com um filósofo francês do século XVI, Michel de Montaigne, sobre esse momento tão devastador que estamos vivendo? É claro que Montaigne não nos dirá nada sobre a natureza do vírus, nem sobre nosso sistema imunológico, muito menos sobre metodologias de investigação científica para a procura de medicamentos para o tratamento da doença. O que Montaigne

¹ PANDEY; WOO. Mundo luta contra vírus que acontece “uma vez a cada 100 anos”. *Agência Brasil*, 18/03/2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.abc.com.br/internacional/noticia/2020-03/mundo-luta-contravirus-que-acontece-uma-vez-cada-100-anos> (último acesso em 30/04/2020)

* Professor de Filosofia na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR. E-mail: diegoazizi@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5645-2925>

nos pode ensinar é algo de outra ordem, não da biológica, mas, da subjetiva. É uma (nova) disposição de nosso espírito que podemos aprender a desenvolver com o filósofo.

Montaigne é o autor de apenas uma obra, grandiosa obra (tanto em extensão quanto em profundidade) intitulada “Ensaaios”, cujo objeto é, segundo o próprio filósofo, ele mesmo. Nos Ensaaios, Montaigne “traz para o centro da cena o *eu*: ‘é a mim que eu pinto’, afirma ele na apresentação de sua obra, constituindo assim um dos momentos essenciais para a emergência da subjetividade moderna”². É, portanto, da vida interna do sujeito que Montaigne busca falar, a partir da descoberta dessa nova realidade que se apresentava para a sua época e para ele próprio, a realidade interna da subjetividade humana.

É um mundo novo esse o da subjetividade que Montaigne buscava refletir, compreender e construir. No mesmo espírito de sua época (Montaigne nasce em 1533 e morre em 1592), época das grandes navegações e descobrimentos, Montaigne empreende uma aventura também nunca antes tentada, mas, ao invés de descobrir mundos externos a nós, como os navegantes portugueses e espanhóis, o filósofo francês descobre o novo mundo da interioridade humana. Os relatos dos navegantes foram inspirações para Montaigne que contribuíram muito para sua viagem e sua aventura nesse novo mundo interno explorado, talvez, pela primeira vez na história do Ocidente. Las Casas, Thevet, Benzoni, Lery e Gomara, são alguns dos viajantes que ofereceram matéria para as reflexões do filósofo e “isso nos consta, por uma parte, porque figuram no catálogo de sua biblioteca, e logo, porque detectamos seu eco nas páginas que dedicou ao Mundo Novo”³.

No espírito de novas descobertas, Montaigne, então, empreende uma reflexão sobre o reino da interioridade humana tentando buscar, nessa atividade, aquilo que poderia caracterizar-se como um “eu”. É a partir dessa busca, tão importante para a construção da modernidade, que o presente artigo pretende retirar algumas lições para o nosso próprio tempo, a partir de nossos próprios problemas.

Montaigne, em torno de 1585, além de presenciar o aprofundamento da guerra entre católicos e protestantes, viu também o desespero e o caos provocado por uma epidemia de peste que assolou sua região durante seis longos meses. Tais fatos foram o motor para as suas reflexões contidas no ensaio 12 do livro III intitulado “Da fisionomia”⁴ que será o nosso fio condutor para as reflexões seguintes.

No início do ensaio acima referido, Montaigne começa elogiando a figura de Sócrates e criticando a nossa constante necessidade de apenas reconhecer aquilo que se mostra adornado e enfeitado, como se apenas a autoridade apresentada de maneira empolada fosse digna de reconhecimento.

[B] Só percebemos as graças quando salientes, empoladas e infladas de artifício. As que se escondem sob a naturalidade e a simplicidade escapam facilmente a uma visão grosseira como é a nossa: têm uma beleza delicada e

² BIRCHAL, *As razões de Montaigne*, 229.

³ HEER, *El nuevo mundo em la vision de Montaigne o los albores del anticolonialismo*, 73.

⁴ A edição dos “Ensaaios” utilizada para as referências de Montaigne é a da Martins Fontes, edição crítica baseada no “exemplar de Bordeaux”, estabelecida, revisada e comentada por Pierre Villey e traduzida por Rosemary Costhek Abílio. As citações de Montaigne, conforme convenções dos estudos montaignianos serão acrescidas entre parênteses com números romanos indicando o livro e com algarismos arábicos indicando o capítulo. Por exemplo, o ensaio “Da fisionomia” está contido no livro III, capítulo 12, ou seja, III, 12. O emprego das letras A, B e C ao longo das citações se refere à edição em que aparecem os trechos referenciados, sendo [A] a edição de 1580, [B] a de 1588 e [C] a última edição após 1592, com anotações e adições manuscritas deixadas pelo próprio Montaigne.

oculta; é preciso uma visão clara e bem purificada para descobrir essa luz secreta⁵.

É necessário, portanto, dirá Montaigne, que exercitemos nossa visão para que identifiquemos as sutilezas da verdadeira sabedoria, para que não nos enganemos a respeito de falsos conhecimentos que, empolados e cheios de adereços, não dizem nada a respeito da vida humana e sua condição, uma lição que toma da atitude filosófica de Sócrates, filósofo da vida e da simplicidade, que trouxe a filosofia para a vida humana, retirando-a de um céu inalcançável pelos meros mortais. Montaigne critica toda forma de filosofia e ciência que pretenda, vaidosamente, adornar pela linguagem uma aparência de sabedoria, empolada e opulenta, mas oca e desprovida de contato com a humana condição. Marca de sua época é a filosofia feita pelos doutos, de herança aristotélica-tomista, que se perdeu daquilo que a filosofia deveria construir, segundo Montaigne.

[B]Nosso mundo está educado apenas para a ostentação: os homens enchem-se apenas de vento, e manobram-se aos saltos, como as bolas. Este aqui não se propõe fantasias vãs: seu objetivo foi prover-nos de coisas e de preceitos que realmente e mais estritamente sirvam à vida, *regrar a conduta, persistir no dever, seguir a natureza*⁶.

Imbuído dessa atitude filosófica, Montaigne traz para a vida mundana, cotidiana, o pensamento filosófico e o transforma. Escolhe escrever em francês, a língua vulgar, utiliza palavras que são ouvidas nas ruas, nas tavernas, nos mercados, fala sobre o corpo e a sexualidade. “A linguagem dos ‘Ensaio’ reflete perfeitamente o projeto filosófico de Montaigne, a reordenação da filosofia para o mais baixo ao invés do mais alto, para o ordinário ao invés do extraordinário”⁷. Essa nova atitude o permite inserir um novo elemento da filosofia, que marcaria para sempre o desenvolvimento posterior da filosofia moderna, esse elemento é o que chamamos de juízo (ou julgamento).

Ao ajuizar sobre o mundo, o homem e suas circunstâncias, Montaigne começa a perceber que os homens não se conhecem, não têm consciência do que fazem e nem o porquê fazem determinadas coisas e não outras. Empreende uma investigação sobre os motivos que nos fazem agir, produzindo uma distinção entre as ações e os acontecimentos. “Sou eu realmente o responsável pelas minhas próprias ações? Mantenho o controle do que faço? Atuo por mim mesmo ou é a minha ação a que exige que adeque a ela meus passos? Esta série de questões são o centro da reflexão de Montaigne sobre a ação”⁸.

Acontecimentos ocorrem no mundo sem que ninguém tenha que os realizar. Segundo Montaigne, estes ocorrem sem que haja uma causa pessoal por trás, podendo ser a fortuna, causas naturais, divina providência, etc. Não há um sujeito que cause um acontecimento, eles simplesmente ocorrem. A ação, ao contrário, exige que haja alguém como causa, aquilo que chamamos de agente. Na ação há alguém que eu possa responsabilizar e responder por seus resultados. O que Montaigne faz é colocar em dúvida essa distinção. “Nunca está realmente claro quando somos nós que fazemos as coisas e quando são elas que ocorrem por si mesmas, seguindo suas próprias regras, convertendo-nos em títeres que dançam ao som da fortuna”⁹. O reconhecimento do agente, portanto, se torna problemático.

⁵ MONTAIGNE, *Ensaio*, 380 (III, 12)

⁶ MONTAIGNE, *Ensaio*, 380 (III, 12)

⁷ HARTLE, *Language and Philosophy in the Essays of Montaigne*, 47.

⁸ REYES, *Pensar sin certezas: Montaigne y el arte de conversar*, 48.

⁹ REYES, *Pensar sin certezas: Montaigne y el arte de conversar*, 48.

Montaigne reconhece na figura dos homens ocupados (ou atarefados, questão levantada pelo estoicismo¹⁰), uma oportunidade de refletir sobre a perda de si mesmo quando entramos em comércio com o mundo. Esse comércio implica, necessariamente, uma perda do “eu”.

[B] Os homens se entregam para a locação. Suas faculdades não são para eles, são para aqueles a quem se sujeitam; seus locatários é que estão dentro deles, não eles. Essa disposição comum não me agrada: é preciso poupar a liberdade de nossa alma e só hipotecá-la nas ocasiões justas – as quais são em número muito pequeno, se julgarmos sadiamente. (...) [C] Procuram trabalho só para ter trabalho. Não é tanto porque queiram ir, é porque não conseguem reter-se – não mais nem menos do que uma pedra desabalada na queda e que não se detém até chegar ao solo. Para certo tipo de pessoas a ocupação é prova de competência e dignidade¹¹.

Os homens se alugam, disse Montaigne, ao se referir à vida ativa das ações impostas de fora cujos critérios e valores são alheios ao agente. O suposto agente acaba perdendo o controle da ação quando elege como opção vital a dedicação absoluta com o cuidado do mundo em detrimento do cuidado de si. Esta é a marca dos homens ocupados ou atarefados. Há quatro figuras que Montaigne constrói e descreve para criticar, a saber, a figura do negociante, do político, do erudito e do guerreiro. Em todos estes casos há a perda do próprio em benefício do que é alheio, como se as pessoas só fossem algo quando no exercício de suas atividades voltadas para o exterior. O homem atarefado é visto como uma pedra rolando, perdido de si, incapaz de controlar sua rota. As quatro figuras têm, segundo Montaigne, como motor de suas ações uma exigência externa: O negociante consagra sua vida à riqueza e ao acúmulo de bens¹² e as considera como fins em si mesmas. O político consagra seu tempo e sua vida à gestão da exterioridade, sustentando a ideia de que age visando o bem comum, esse famoso dito com qual se encobre a ambição e a avareza e, apesar de aparentar ser uma atitude mais justificável a do político, ainda segue havendo expropriação do “eu”, pois se doa para as tarefas externas, alugando-se para o mundo, real motor de suas ações. O guerreiro também atua fora de si, agindo de acordo com as ordens de outros. Suas ações têm como motor algo externo, como os valores de outros, os interesses de outros, as ambições de outros. O guerreiro luta e oferece sua vida para defender interesses que não são seus¹³. O resultado dessa entrega é, assim como a do político ou do negociante, a ausência de si. O guerreiro está na luta não por ele mesmo, mas pelo outro, não por uma motivação interna, mas externa. Luta pela glória, pela riqueza, pelos valores de um outro que não é ele. O erudito também cai nessa armadilha, afinal, dedica-se a uma aquisição que lhe é alheia, a saber, a do conhecimento¹⁴. Está escravizado a dogmas e ideias já herdadas, como aditivo exterior. Ele não é mais livre da presunção e da vaidade que o restante dos homens ocupados. Busca a reputação e a glória, reconhecimentos exteriores. Sua ação tem como motor essa exigência da exterioridade.

[A]Essa ocupação dos livros é tão exaustiva quanto qualquer outra, e igualmente inimiga da saúde, que deve ser considerada primordialmente. E não devemos nos deixar embalar pelo prazer que obtemos dela: é esse

¹⁰ Sêneca, na obra “Da brevidade da vida” já aponta uma crítica aos homens atarefados no mesmo molde que Montaigne empregará, mas com conclusões diferentes. Cf. SÊNECA, *Da brevidade da vida*, 34.

¹¹ MONTAIGNE, *Ensaaios*, 329-330 (III, 10)

¹² MONTAIGNE, *Ensaaios*, 95 (I, 14)

¹³ MONTAIGNE, *Ensaaios*, 350 -360 (I, 39)

¹⁴ MONTAIGNE, *Ensaaios*, 365-366 (I, 39)

mesmo prazer que põe a perder o poupador, o avarento, o voluptuoso e o ambicioso¹⁵.

Em todos esses casos a finalidade não reside no próprio sujeito, o agente confundiu outra coisa consigo mesmo. É a partir dessa reflexão que aparece a primeira palavra que nos remonta à doença, à epidemia: parasita. Essa expropriação de nós em relação ao comércio com o mundo é parasitária. Dirigimos, dirá Montaigne, nossa ação segundo regras da exterioridade como as leis do mercado, a necessidade política, a arte da guerra, os mecanismos de fama e renome. “Esse erro de origem faz de qualquer conquista uma vitória pírrica, dirigida a acrescentar um objeto alheio, estranho, um parasita que progressivamente vai alienando a pessoa”¹⁶. As ações se tornam acontecimentos, dirá Montaigne. O “eu” deve estar ausente. Não são a razão e a consciência que guiam os atos dos homens. Estes atos passam a realizarem-se sozinhos, como mecanismos impessoais, deixando à sorte seus resultados. As ações convertem-se em acontecimentos, portanto. O homem, passivo, sofre estas ações. Sofre, não as realiza. Talvez o isolamento possa dar conta de tal problema.

No ensaio mencionado acima, no início do artigo, intitulado “Da fisionomia (III, 12)”, Montaigne refletirá sobre a epidemia que assolou sua região e, as reflexões contidas nele, unidas com as que realizamos acima a partir de outros pressupostos podem começar a nos indicar um caminho de aprendizado sobre a nossa condição pandêmica atual.

Há uma tagarelice disseminada pelos meios de comunicação, pelos canais oficiais de nosso governo, pela população em geral, vendendo curas milagrosas e tratamentos que, adornados de roupagem científica (como o caso da cloroquina), tentam nos convencer de que a situação tem uma saída fácil e que tudo não passa de um alarde histérico. Montaigne afirma que “[B] somos todos mais ricos do que pensamos; porém nos educam para o empréstimo e para a busca: habituam-nos a nos servirmos mais do de outrem”¹⁷. Ora, há um apetite de ciência (aquela adornada, não a verdadeira) que as pessoas buscam para legitimar suas próprias convicções irracionais e irrefletidas. Como Montaigne já afirmou, a razão e a consciência não acompanham os homens atarefados. No nosso caso contemporâneo, sucede a mesma coisa. Falsos artigos acadêmicos, falsos cientistas, falsos gurus inventam, com uma linguagem sedutora e persuasiva, curas milagrosas e conspirações que são disseminadas pelos homens atarefados na forma das notícias falsas, com uma vaidade e uma convicção que deixaria qualquer estudioso embasbacado. A ciência e a sabedoria existem, mas elas não precisam de adornos e extravagâncias para serem reconhecidas, precisam da utilização da razão e do juízo para se configurarem. Mas, esse “[C]apetite de ciência (...) tem muito de vaidade e fraqueza própria e natural, e de alto custo”¹⁸. O preço que pagamos pelos “doutos em notícias falsas”, os acadêmicos de aplicativo de mensagens que têm a verdade da ciência nas mãos é demasiado alto. A simplicidade do isolamento como combate à pandemia é por demais simples. Faz-se necessária uma complexidade pirotécnica da conspiração para adornar conclusões extraordinárias dos escolhidos das redes sociais (que inclui todos os tipos de homens atarefados, do político ao erudito).

[C] Sua aquisição é muito mais arriscada que a de qualquer outro alimento ou bebida. Pois quanto ao restante, o que comprarmos levamos para casa em algum recipiente; e lá temos a possibilidade de inspecionar sua qualidade, quanto e a que hora consumiremos dele. Mas as ciências, já de início não podemos colocá-las em outro recipiente que não nossa alma: engolimo-las ao

¹⁵ MONTAIGNE, *Ensaaios*, 366 (I, 39)

¹⁶ REYES, *Pensar sin certezas: Montaigne y el arte de conversar*, 56-57.

¹⁷ MONTAIGNE, *Ensaaios*, 382(III, 12)

¹⁸ MONTAIGNE, *Ensaaios*, 382(III, 12)

compra-las e saímos do mercado já contaminados ou melhorados. Há algumas que não fazem mais que obstruir-nos e empanturrar-nos em vez de alimentar, e outras ainda que a título de curar nos envenenam¹⁹.

Montaigne nos alerta que, além de toda a vaidade e arrogância contidas nessa falsa ciência adornada, ela nos envenena e, ao invés de nos curar, nos infecta. “[B]Onde estamos? Nosso remédio porta infecção, *nosso mal é envenenado pelo socorro prestado*”²⁰. Ao serem disseminados falsos conhecimentos, diz Montaigne, disseminamos também a doença. A epidemia se torna mais presente quanto menos presente estão nossa razão, nossa consciência e nosso juízo. “[C]Nessas doenças populares, de início podemos distinguir entre os saudáveis e os doentes; mas quando elas vêm a prolongar-se, como a nossa, todo o corpo se ressentido (...). Pois não há ar que seja aspirado tão gulosamente, que se espalhe e penetre como o faz a licença”²¹. Precisamos de uma fuga do mundo e um reencontro de nós. “[A]O contágio é muito perigoso na multidão”²².

A fuga, para Montaigne, nem sempre é desonrosa já que há problemas que nos excedem. A fuga deve ser consequência do juízo, não do pânico (em Montaigne a Razão e o Juízo são as faculdades predominantes de nossa alma). Já que o contágio é muito perigoso na multidão, que nos isolemos em casa (Montaigne se isolou na torre de seu castelo para escrever os “Ensaio”). Diz Jean Starobinski²³ que Montaigne, ao se isolar e começar a compor seus “Ensaio”, opera um “nascimento voluntário”. Nos mostra, portanto, que não é preciso morrer para nascer de novo (pelo menos não morrer fisicamente). A fuga e o isolamento permitem colocar de manifesto as barreiras fracas que traçam os contornos de nossa própria identidade, a nossa integridade moral e pessoal²⁴. Já que temos uma alma que é capaz de voltar-se sobre si mesma²⁵, é possível que ela nos faça companhia no ato da reflexão. O isolamento não deve ser espaço de solidão, mas de solitude. O isolamento, o retiro que nos propõe Montaigne não visa a contemplação de um mundo transcendente, não visa um lugar fora do mundo, no sentido de uma transcendência metafísica. Se Montaigne fala de transcendência, precisamos entender o que significa de fato esse conceito. Precisamos do retiro, do isolamento, precisamos nos retirar do mundo, contudo, esse lugar fora do mundo se encontra no mundo. A transcendência de Montaigne é, ao mesmo tempo, uma imanência. O fora do mundo significa dentro de si, mas o sujeito vive no mundo e do mundo. Essa é sua física, essa é sua metafísica, como diz²⁶.

Temos que deixar um pouco nossa vida ativa, nos mostrou Montaigne, e nos isolar. Contudo, o oposto da vida ativa, para o filósofo, não é a vida contemplativa, mas a ociosa. Aqui ele se opõe às raízes platônicas, aristotélicas, patrísticas, místicas e teológicas do retiro como contemplação do divino, do retiro como exercício espiritual²⁷. O que Montaigne visa não é uma prática passiva que, ao realizar o exercício espiritual, recebe-se uma graça, uma revelação. Nesse sentido, quando se recebe a graça, a verdade divina, a iluminação, o agente

¹⁹ MONTAIGNE, *Ensaio*, 382 (III, 12). Essa analogia que Montaigne faz em relação aos alimentos é retirada do *Protágoras* de Platão. Montaigne reproduz exatamente o mesmo argumento de Sócrates, mas não dá a referência. Cf. PLATÃO, *Protágoras*, 49 (313a – 314c)

²⁰ MONTAIGNE, *Ensaio*, 386 (III, 12)

²¹ MONTAIGNE, *Ensaio*, 387 (III, 12)

²² MONTAIGNE, *Ensaio*, 354 (I, 39)

²³ Cf. STAROBINSKI, *Montaigne em movimento*

²⁴ A noção de personalidade começa a surgir na época de Montaigne. Cf. HELLER, *O homem do renascimento*

²⁵ MONTAIGNE, *Ensaio*, (I, 39).

²⁶ MONTAIGNE, *Ensaio*, 434 (III, 13).

²⁷ Cf. HADOT, *Exercícios espirituais e Filosofia Antiga*, São Paulo: É Realizações, 2014.

é a divindade e não o “eu”, que sofre uma influência externa. Os exercícios espirituais, desde a antiguidade, visavam uma prática preparatória.

As teorias filosóficas são ou explicitamente postas a serviço da prática espiritual, como é o caso no estoicismo e epicurismo, ou tomadas como objetos de exercícios espirituais, isto é, de uma prática da vida contemplativa que é ela própria, em última instância, nada além de um exercício espiritual²⁸.

O ócio de Montaigne não é uma prática preparatória, mas um fim em si mesmo. No ensaio de si não há um modelo a ser seguido a partir da contemplação (como o modelo do sábio estoico ou da alma purificada cristã). O ensaio é o reconhecimento da própria figura posta em movimento, nunca acabada, nunca completa, e é assim que deve ser reconhecida. Montaigne não busca uma essência da natureza humana, mas sim um retrato da humana condição. Um retrato, uma pintura (“É a mim que eu pinto”, diz na nota ao leitor dos “Ensaaios”), ou seja, uma aparência que sempre pode ser mudada, retocada e que, para tal, deve ser exposta, refletida, analisada em seus pormenores. Não se trata, nesse ócio do isolamento, de uma contemplação passiva de alguma essência divina, mas de uma interação ativa com a própria condição finita e falível. “De nada nos serviria escapar, se também esta ação fosse resultado de um arrebatamento, se a realizamos tão ‘fora de si’ como realizam suas ações os homens atarefados”²⁹. Há que realizar a fuga correta, que escape à expropriação de si e permita o reconhecimento da plenitude do instante vivido. A saída das garras do acontecimento fica submetida à ação da fuga, ação verdadeira (não inação), que é transcendente ao mundo e exercida pelo agente sobre si mesmo. Essa é a condição da apropriação de si. O retiro à vida ociosa inaugura sua vida ativa.

Dentro da tradição, a contemplação é considerada como a mais alta atividade humana, pois, na contemplação, a mente escapa do temporal e é unida com o divino, eterno e imutável: o humano se torna divino. Os ensaios não são direcionados ao divino, eterno e imutável, mas ao humano, temporal e mutável. (...) Contemplação é a visão extática da coisa em si. O juízo (*judgment*) é a sujeição da coisa em si tornando-a própria de alguém³⁰.

Agora há, depois do retiro, do isolamento e da solitude, depois da apropriação de si e da exposição de nosso “eu” como ajuizamento próprio sobre o mundo, a apropriação de si mesmo. É isso que o ócio deve proporcionar no isolamento: o reconhecimento de que o homem deve exercer seu juízo “puramente”, julgando como é em si mesmo, sem relação com mais nada ou ninguém. Assim conhecemos nossas fraquezas, nossos medos, nossas limitações, nossos desejos e inquietações sem a expropriação ou a determinação dos outros. Mas Montaigne, no primeiro ensaio que provavelmente escreveu depois de seu isolamento, nos mostra que essa atividade não é tão simples assim, já que nunca a realizamos. No ensaio intitulado “Da ociosidade” (provavelmente composto já em 1572, quando começa a redigir os “Ensaaios”) o filósofo afirma que essa primeira tentativa agitou sua imaginação (tal como eram agitadas as imaginações daqueles primeiros navegadores rumo ao Novo Mundo), já que pela primeira vez estava tentando conhecer a si mesmo no retiro. “[A]A alma que não tem objetivo estabelecido perde-se: pois, como se diz, estar em toda parte é estar em lugar algum”³¹. Logo em seguida diz:

²⁸ HADOT, *Exercícios espirituais e Filosofia Antiga*, 59.

²⁹ REYES, *Pensar sin certezas: Montaigne y el arte de conversar*, 62.

³⁰ HARTLE, *Language and Philosophy in the Essays of Montaigne*, 51.

³¹ MONTAIGNE, *Ensaaios*, 45 (I, 8)

[A]Recentemente, ao isolar-me em minha casa, decidido, tanto quanto pudesse, a não me imiscuir em outra coisa que não seja passar em descanso e apartado esse pouco que me resta de vida, parecia-me não poder fazer maior favor a meu espírito do que deixa-lo, em plena ociosidade, entreter a si mesmo, fixar-se e repousar em si; (...) Porém, descubro, *a ociosidade sempre dispersa a mente em todas as direções*, que ao contrário, imitando cavalo fugido, ela dá a si mesmo cem vezes mais trabalhos do que assumia por outrem; e engendra-me tantas quimeras e monstros fantásticos, uns sobre os outros, sem ordem e sem propósito, que para examinar com vagar sua inépcia e estranheza comecei a registrá-los por escrito, esperando com o tempo fazer que se envergonhe de si mesmo por causa deles³².

O isolamento fez com que Montaigne reconhecesse que a mente é algo gerada e produzida por si mesma. O ócio o mostrou que o isolamento não deve ser mero lazer, mas sim tempo dedicado a estudar a si mesmo, não à contemplação, mas à construção de si próprio. Contudo, como dito acima, vivemos no mundo e do mundo. A transcendência de Montaigne é também imanência. O filósofo não está descrevendo a figura de um heremita, mas de alguém que, em posse de si, pode recuperar (talvez possuir pela primeira vez) o mundo externo que abandonou. O retiro deve ter data de validade. É necessário recuperar o mundo. “Será preciso abrir progressivamente esse nó para que a ação tenha um conteúdo para se apropriar, e ir recuperando a exterioridade ainda que seja (...) através da ação indolente de uma máscara”³³. É preciso recuperar a exterioridade, mesmo se o recurso for o da máscara. Há aqui uma possibilidade aberta de ser si mesmo, também sendo político, negociante, guerreiro ou erudito (tudo o que Montaigne também foi). O sábio, ao saber qual é o seu papel (a busca pela sabedoria é a busca do viver bem), vê que este papel consiste em contribuir com a sociedade, afinal, “[C] Quem não vive um pouco para o outro quase não vive para si”³⁴. Essa máscara visa a construção de dois “eus”, um que seja feito de uma máscara que vestiremos para a realização de nossas tarefas no mundo externo sem que nosso “eu” subjetivo, interno, seja expropriado pelas tarefas. Nossa máscara visa à aparência, a simulação, para que não nos tornemos inteiramente nossas tarefas. Precisamos distinguir a pele da camisa:

[B]A maioria de nossas ocupações são farsescas. ‘*O mundo inteiro representa uma comédia*’. É preciso representar devidamente nosso papel, porém como papel de um personagem postiço. Da máscara e da aparência não devemos fazer uma essência real, nem do que nos é alheio o pessoal. Não sabemos distinguir entre a pele e a camisa³⁵.

Ora, nos encontramos atualmente em uma posição de isolamento (e essa escolha é voluntária). Muitas quimeras e monstros fantásticos estão nos assolando neste momento. Em muitos desabafos de amigas e amigos nas redes sociais, em notícias de jornal e em mensagens privadas, nos deparamos com um estranhamento por parte das pessoas ao ficarem muito tempo dentro de casa. Há relatos de impaciência com os filhos e filhas, com os cônjuges, com o tédio de ficar em casa e não sair para trabalhar, etc. Montaigne ao longo de toda sua reflexão nos ajudou a explicitar alguns problemas que temos que enfrentar a partir de nosso juízo e nossa razão. É a chance de conversarmos com nossos parceiros e parceiras, de colocar a limpo o porquê de tanta irritação com o convívio, é a chance de

³² MONTAIGNE, *Ensaíes*, 45-63 (I, 8)

³³ REYES, *Pensar sin certezas: Montaigne y el arte de conversar*, 73.

³⁴ MONTAIGNE, *Ensaíes*, 334 (III, 10)

³⁵ MONTAIGNE, *Ensaíes*, 341 (III, 10)

sentarmos com nossas filhas e filhos e tentar dar a atenção que não podemos dar por conta de nossas tarefas e nos aproximarmos, tentando identificar as razões de nossas irritações com o convívio integral com aqueles que dizemos amar. Para isso, precisamos desse tempo de aprendizado conosco, é preciso saber nos ouvir, nos ver e nos sentir para que, ao retomar o contato com o outro, não nos percamos e não nos contagiemos na multidão.

É possível extrair de toda nossa reflexão que o isolamento é necessário para impedir o contágio, que é necessário enfrentar os monstros que nossa imaginação produz quando estamos isolados e que não precisamos nos desesperar por estarmos fora de nossas atividades laborais, afinal de contas, nós não somos essas atividades e nossa identidade não pode depender de nossa inteira doação às nossas tarefas exteriores. Extraímos também a necessidade do uso de máscaras para reabilitar esse mundo externo perdido. Nossa volta à rua é condicionada ao uso das máscaras (e isso é muito significativo para nosso atual contexto). O mundo que encontraremos lá fora (tal como Montaigne encontrou) será outro, necessariamente outro. Ele deve ser outro porque nós devemos nos transformar, mas não em outros. Devemos nos transformar em nós mesmos. Diferentemente dos sábios que possuem modelos, não devemos buscar o ideal transcendente de algum modelo de sabedoria, dirá Montaigne, mas devemos nos tornar aquilo que somos, sem nos alugarmos inteiramente ao mundo.

Todo o esforço da filosofia de Montaigne resulta em, “ao trazer o privado para dentro do público, ele libera o privado da vergonha e cria o novo espaço público moderno, isto é, a sociedade. A invenção do ensaio é a invenção da sociedade”³⁶. Estamos inventando, de novo, ao nos ensaiarmos, a sociedade. E, ao aprendermos essa simplicidade demasiada humana, aprendemos “[B] como devemos viver e morrer, administrar nossos bens, amar e educar nossos filhos, fazer justiça (singular testemunho da enfermidade humana)”³⁷.

Nesse momento difícil em que vivemos, é natural se desesperar, mas nossa razão e nosso juízo podem nos fazer lidar um pouco melhor com toda a situação. Montaigne nos oferece uma forma de, sobriamente, passarmos pelos momentos de privação a partir do cuidado para conosco e, portanto, para com os outros.

[C] Assim procuramos avidamente reconhecer mesmo nas sombras e na fabulação dos teatros a representação dos jogos trágicos da fortuna humana. Não o fazemos sem compaixão pelo que ouvimos, mas nos aprazemos em despertar nossa tristeza com a rareza desses acontecimentos lamentáveis. (...) Há consolo em evitar ora um ora outro dos males que nos ameaçam seguidamente e golpeia alhures à nossa volta³⁸.

Evitemos os males, portanto, através do recurso de nossa razão e de nosso juízo, do isolamento e das máscaras e, fundamentalmente, do cuidado entre todos nós. Sairemos dessa, não sem sofrimento, mas com muita força. Se cuidem para que possamos nos ver do lado de fora novamente. Um novo fora, porque um novo dentro.

Referências

BIRCHAL, T. As razões de Montaigne. *Síntese – Revista de Filosofia*, Belo Horizonte v. 33, n. 106, 2006, p. 229 -246

³⁶ HARTLE, *Language and Philosophy in the Essays of Montaigne*, 47.

³⁷ MONTAIGNE, *Ensaio*, 399 (III, 12)

³⁸ MONTAIGNE, *Ensaio*, 394 (III, 12)

- HADOT, P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- HARTLE, A. Language and Philosophy in the Essays of Montaigne. American Catholic Philosophical Association, Proceedings of de ACPA, Vol. 84, 2011, p. 47 – 56.
- HEER, P. *El nuevo mundo em la vision de Montaigne o los albores del anticolonialismo*. Caracas: Instituto de altos estudios de América Latina, 1993.
- MONTAIGNE, M. *Ensaio (3 Vol)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PLATÃO. *Diálogos (Vol. III-IV)*. Belém: UFPR, 1980.
- REYES, J. *Pensar sin certezas: Montaigne y el arte de conversar*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida. Sobre a firmeza do sábio*. São Paulo: Penguin Classics Cia. Das Letras, 2017.
- STAROBINSKI, J. *Montaigne em movimento*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.